

HUMANITAS

ANUARIO DEL CENTRO DE ESTUDIOS HUMANÍSTICOS

20



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE NUEVO LEÓN

1979

Hemos de considerar la Historia como un camino que nos ha de conducir a otro mundo y éste es su verdadero contenido religioso. Pero no es posible lograr ningún estado absoluto perfecto en el transcurso de la Historia, ya que ésta sólo puede resolverse más allá de sus propios límites. Esta es la deducción final que establece la Metafísica de la Historia. Este es el gran arcano del proceso histórico.

La historia tendrá un sentido positivo únicamente si llega a un término.

La Historia es un destino y como tal la hemos de comprender: como un destino profundamente trágico. Y este destino trágico, como cualquier tragedia ha de tener necesariamente un desenlace, puesto que toda tragedia ha de tenerlo.

La Historia no puede desenvolverse infinitamente. La Historia no sigue leyes inmutables, porque ante todo es un destino. El destino del hombre que hemos de seguir a través de todos los períodos históricos es insoluble en el transcurso del proceso histórico. La metafísica de la Historia nos indica precisamente, que todo cuanto es insoluble entre los límites históricos, ineludiblemente ha de resolverse más allá de la Historia.

Si la Historia sólo tuviera un significado inmanente, carecería, efectivamente, de sentido, porque todas las contradicciones fundamentales de la índole defectuosa de nuestro tiempo fragmentado nunca llegarían a desaparecer y todas las resoluciones serían unas soluciones ficticias, aparentes y falsas.

Esta metafísica de la Historia aparentemente pesimista, acaba con todas las ilusiones derivadas de una divinización del porvenir y derrumba todas las teorías progresistas. Pero, en cambio, afianza en nosotros la fe y la esperanza en una próxima resolución de la Historia con todos sus sufrimientos, descubriéndonos los horizontes de una realidad eterna y verdadera.

BIBLIOGRAFÍA

NICOLÀS, Berdiaeff, *El sentido de la historia*, Ensayo filosófico sobre los destinos de la humanidad, 2a. ed., S/T. Ed. Araluce, Barcelona, 1943, 281 pp.

UM SILÊNCIO QUE NÃO SILENCIA

PROFESOR STANISLAUS LADUSANS

1 - *Um prólogo ao Calvário da Letônia esquecida*

Não está claro ainda a todos que as memórias de Abraham Lincoln sobre a escravatura abolida, as histórias de servidão que reinava no Brasil e está reinando ainda hoje em alguns lugares da terra fora do "paraíso vermelho", são apenas uma sombra, se considerarmos o atual regime escravagista dos comunistas, que se apresenta como uma defesa dos operários e abolição de injustiças. Os povos oprimidos terrivelmente pelos comunistas não têm liberdade nem para falar: são povos do silêncio. Este silêncio, porém, é gritante pela crueldad de fatos. Pronuncia-se tragicamente pelo documentário de Alexandre Solzhenitsyn "Arquipélago Gulag", dedicado a todos aqueles a quem a vida não permitiu denunciar os horrores sofridos no "paraíso vermelho". Esta obra famosa, em que "não há personagens imaginários, nem acontecimentos imaginários", projeta luz também sobre o Calvário da Letônia, país báltico, se dois milhões e meio de habitantes. No mundo atual desespirtualizado e alucinado por quantidades astronómicas, este povo, por ser numericamente inexpressivo, está condenado ao esquecimento. A verdade, porém, é evidente e não silencia: não existe um povo pequeno, quando o crime cometido contra a dignidades humana é enorme. Em que consiste este crime? O ilustram os fatos que vamos ver em seguida.

2 - *Letônia livre*

Durante séculos a fio o povo letoniano foi sucessivamente dominado pelas diversas nações vizinhas. Foi somente em 1918, que ele, lutando heroicamente, conseguiu libertar-se do jugo da Rússia e ter um breve período de independência. Este durou até 1940, quando, a 17 de junho, a Letônia foi ocupada

injustamente pelo exército da União Soviética. Esta ocupação foi uma injustiça gritante, pois o único "crime" deste país foi o grande amor à liberdade, na qual viveu pacífico e próspero.

O breve período de liberdade trouxe à Letônia um bem imenso, quer econômico, quer político, quer social e espiritual. País favorecido por ótimos recursos naturais, habitado por um povo de excelentes qualidades e laboriosíssimo, progrediu rapidamente em todos os setores. Achavam-se então em pleno desenvolvimento e esplendor tanto a instrução pública e a produção literária, como a agricultura, o comércio, a indústria e a navegação. Do ponto de vista religioso, três quartas partes do país são acatólicas. A vida da Igreja Católica, porém, ressurgiu e progrediu muito. Os católicos da Letônia constituem um quarto da população (24,25%) e habitam, em massa compacta, a província Latgola. Outros vivem na diáspora, dispersos entre os luteranos.

Foi a Sé Apostólica o primeiro dos governos a reconhecer a independência política de Letônia, liberta do domínio russo. O seu governo firmou uma concordata com a Santa Sé, no ano de 1922, a primeira no pontificado de Pio XI, acrescentando-se-lhe, em 1937, a cláusula da ereção de uma Faculdade Católica de Teologia na Universidade de Riga, mantida pelo governo letoniano não católico. A liberdade da Igreja Católica estava suficientemente garantida pela concordata e pelas leis civis. O clero achava-se isento do serviço militar. Os professores de religião ensinavam, com plena liberdade, a doutrina católica nas escolas. Os católicos gozavam tranquila paz, contribuindo muito para o progresso da vida espiritual, conforme a verdade de que o valor intrínseco da pessoa humana supera incomensuravelmente todos os bens materiais e de que o povo vale mais pelo que é qualitativamente na fidelidade ao Cristianismo do que pelo número e pelo que tem. Foram os valores de justiça e da fraternidade entre os povos que empolgavam a pacífica e próspera nação letoniana. No entanto vieram tempos de trevas e sofrimentos, quando a Letônia caiu sob o poder escravizante dos comunistas.

3 - A primeira escravidão

Em junho de 1940 os bolchevistas acusaram, com uma desfaçatez farisáica, as três pequenas nações do Báltico (Estônia, Letônia e Lituânia), vizinhas da Rússia, de intenções agressivas a respeito da poderosa União Soviética. O exército comunista entrou logo nos três países pacíficos, violando seus mais lúdimos direitos, esmagando todas as legítimas liberdades. Começou assim o Calvário de Letônia.

Um ano inteiro durou a primeira ocupação comunista. Neste ano de terrível

escravidão esvai-se a vitalidade de nação, sugada por mil ventosas. Começa a agir a polícia secreta, encarcerando sem cessar, de modo especial, os melhores elementos da nacionalidades. O terror e a espionagem incessantes, dia e noite!... A destruição da cultura nacional é arrasadora!... A liberdade religiosa supressa. A educação se transforma em arma de propaganda a serviço do estado vermelho. As propriedades particulares perecem. A deportação e a condenação de pessoas a trabalhos forçados são implacáveis. Em 1941 os bolchevistas atearam fogo à Biblioteca de Riga, e as chamadas consumiram trezentos mil volumes, entre os quais diversas coleções de raríssimo valor cultural. A Câmara Municipal de Riga, os edifícios de valor histórico da "Velha Riga" ficam reduzidos a cinzas. A perseguição à Igreja Católica assume proporções terríveis. O Nuncio Apostólico é obrigado a deixar o país. Patrimônios territoriais, bibliotecas, arquivos eclesiásticos, tudo arrebatam os vermelhos. A Faculdade Católica de Teologia, os colégios católicos são supressos. As revistas católicas proibidas. As tipografias confiscadas. Impedidas as edições de livros católicos. A pregação da Palavra de Deus, a atividade dos sacerdotes é limitada por mil obstáculos. O ensino da religião cristã à juventude nas escolas é proibido. A base da educação não é mais a moral, mas um código de preceitos do mais grosseiro materialismo e animalidade. Nas bibliotecas escolares abundam os livros de natureza licenciosa. Nas paredes de todos os estabelecimentos de ensino vêem-se enormes retratos de Marx, Lenin, Stalin. As crianças devam crer que vivem por obra e graça de magnanimidade de Stalin. Todas as lições são adulteradas de modo a subscreverem a teoria materialista da luta de classes a do "triunfo final do proletariado". No fim deste ano de escravidão a Igreja Católica perde onze padres, que são terrivelmente torturados, fuzilados ou deportados para a Rússia. A perseguição atinge dolorosamente também os luteranos e outras confissões religiosas.

Este ano criminoso termina na Letônia com um tristíssimo fato, que constitui o cume do sadismo vermelho e supera a todos os demais crimes cometidos pelos bolchevistas durante a primeira ocupação deste país: começando durante a noite de 13 para 14 de junho de 1941, durante três trágicos dias, dezenas de milhares de pessoas foram barbaramente arrancadas a seus lares, carregadas em caminhões, conduzidas para trens de gado e deportadas para a Rússia, encontrando a morte em terríveis suplícios físicos e morais... Não há um filho da Letônia que possa jamais esquecer as noites e dias desse período de horror. Os trens, carregados de vítimas — operários, camponeses, professores, engenheiros, médicos, intelectuais etc. — ficavam muitas vezes parados durante dias, esperando ordem de marcha. Quem tentasse fornecer comida ou água aos deportados, era imediatamente fuzilado. Só desta vez a Letônia perdeu cerca de 36.000 dos seus filhos...

Tudo isso foi silenciado no mundo livre. É costume dos letonianos exilados romper este silêncio vergonhoso e evocar sistematicamente, com preces comunitárias e comunicações sociais, no ano presente (1978) já pela 38 vez, a tragédia de junho de 1941, não com o espírito de ódio e vingança aos perseguidores, mas repudiando os seus crimes cometidos contra as vítimas inocentes e a liberdade de um país. Os letonianos querem alertar deste modo os povos livres do Ocidente para que não se iludam e se unam na justiça, no amor cristão e numa fraternidade sincera, colocando suas esperanças mais nos valores de espírito do que nas maravilhas do progresso tecnológico, conforme a recente e sagaz advertência de Alexandre Solzhenitsyn, feita na Universidade de Harvard, dos Estados Unidos de América, exatamente no mês de junho em curso: "Colocamos esperanças demais nas reformas políticas e sociais, apenas para descobrir que estávamos sendo despojados de nosso maior dom: nossa vida espiritual. No Leste isto foi destruído pelas maquinações do partido no poder. No Ocidente o interesse comercial tende a sufocá-la. Esta é verdadeira crise. A ruptura do mundo é menos terrível que a doença que ataca suas partes" (7 de junho de 1978).

4 - A segunda escravidão vermelha

O período da primeira escravidão implantada na Letônia pelos comunistas (1940-1941) foi interrompido pelos nazistas. Começada a guerra entre a Alemanha nazista e a Rússia Soviética, o exército de Hitler, prosseguindo na sua marcha avassaladora, com luta de só uma semana venceu a potência vermelha na Letônia e ocupou o país. O tempo terrível da ocupação nazista da Letônia, desde o dia 1 de julho de 1941 até o dia 2 de maio de 1945, foi um triste prelúdio de uma ocupação soviética, mais terrível ainda. Depois que as forças Aliadas ocidentais destruíram a máquina militar de Hitler, ruiu uma ditadura, e o mundo sentiu-se feliz esperando uma paz verdadeira. Mas infelizmente isso não se aplicava à Letônia, como a tantos outros povos da Europa. A "cortina de ferro" separava-a da vista e influência do mundo civilizado. Voltou um novo período do trágico silêncio.

Desde o ano de 1945 o terror vermelho continua a destruição de nação letoniana conforme um plano perverso. A planejada deportação em massa dos inocentes tem-se ampliado nos terríveis anos da segunda escravidão vermelha com perfeição até agora desconhecida. Para substituir os numerosíssimos deportados foram introduzidos na Letônia pessoas de Ásia que estavam muito aquém da cultura européia e que eram muito úteis por isso para o bárbaro sistema soviético. Estas pessoas introduzidas, russos e mongóis, recebem o nome e a residência dos deportados e assassinados. Seguem-se então

divórcios e casamentos forçados. A coletivização das propriedades rurais tomou um aspecto alucinador a foi introduzida pouco a pouco com a hipocrisia típica do bolchevismo. Realizou-se depois por todos os meios possíveis, políticos e econômicos, para vencer a lentidão na organização dos kolkhozes (fazendas coletivas do estado) e sovkhozes, dirigidos por pessoas vindas da Rússia e para quebrar a resistência dos colonos, profundamente afeiçoados às suas terras, diante de um novo sistema agrícola injusto, que aniquila completamente a propriedade particular. Seguiu-se inevitavelmente a destruição do incentivo ao trabalho e à produção. Passou a reinar a estagnação econômica. A Letônia, outrora próspera, hoje é um vasto cenário de pobreza e degradação, suportando o genocídio. Os operários são escravos. As pessoas são tratadas pelos comunistas como coisas e animais. A nação letoniana e a religião são condenadas à morte neste período de terror vermelho, mais terrível e mais diabólico que o anterior. Densíssimas trevas afogam a Letônia em nossos dias. Se Deus na sua misericórdia não ocorrer em auxílio muito especial, nenhum vestígio da verdadeira religião e dos antigos habitantes sobreviverá nesse país escravizado no pleno século XX.

5 - Conclusão

Diante deste Calvário de um povo imerso no silêncio trágico levanta-se a terrífica interrogação. Por quanto tempo continuarão os povos livres na ilusão, permitindo o pior dos colonialismos, a pior das escravaturas, permitindo que os comunistas construam a possibilidade de conquistar o mundo com as mãos dos povos oprimidos pela incrível crueldade? A espantosa máquina de guerra comunista está levantada sobre os esqueletos de milhões de escravos. O mundo atual ouviu a voz do terrível silêncio tão eloquente? Parece que permanece silencioso e quase inativo, sem verdadeira força e brio.

Os sofrimentos dos "povos do silêncio" não silenciam e exortam os que ainda estão livres a abrirem a tempo os olhos e perceberem a natureza dos fatos que aconteceram e estão acontecendo. Multidões perderam de vista o ideal cristão de vida, único capaz de fazer os homens coerentes, fortes, ativos, organizados, unidos. Os povos livres ficaram quasi insensíveis para solidarizar-se com os povos escravizados pelos comunistas que suplicam ajuda. Esta ajuda supõe como fonte autêntica a força cristã do espírito que não pactua com o mal e que produz os frutos da caridade e a união. Esta é a força das forças e a maior necessidade de hoje em todas as partes do mundo. Os meios humanos são necessários, mas não suficientes para a renovação dos homens e dos povos. É necessária uma volta decidida à pura e integral doutrina de Cristo, alma

de todas as reformas perfeitas o libertações autênticas. Esta é a mensagem do silêncio de um povo que não silencia.

de todas as reformas perfeitas o libertações autênticas. Esta é a mensagem do silêncio de um povo que não silencia.

LAS CATEGORÍAS ESTÉTICAS

PROFR. EVANGHELOS A. MOUTSOPOULOS

C I T A S

PROLEGÓMENOS

§ 1.(1) El término *Estética* se refiere exactamente a esta presencia estética del objeto en cuestión, habiendo sido introducido aquél por vez primera por A. Baumgarten, "Aesthetica", tomo 2, Frankfurt, 1750-1758.

(2) Vid. M. DUFRENNE, "Phénoménologie de l'expérience esthétique", tomo 1, "L'objet esthétique", París, P.U.F., 1953, capítulo VI. L'être de l'objet esthétique, pp. 258 y ss. Vid. E. MOUTSOPOULOS, L'expérience esthétique: contemplation et expérimentation en "Revue de ynthèse", 1963, pp. 303-305.

(3) Vid. E. MOUTSOPOULOS, "La objetivación de la intencionalidad concienical. Hacia una fenomenología de los valores", en *Anal. Cient. de la Facultad de Filosofía de la Universidad de Atenas*, 1967, pp. 461-539, en especial pp. 483-500. Solamente por la referencia a aquel texto, cuya prolongación constituye el presente estudio, es posible que ésta sea plenamente interpretada y comprendida.

(4) Como ser, *οὐσία* (sustancia), *ποσόν* (cantidad), *ποιόν* (calidad), *πρός τί* (en cuanto a algo), *ποῦ* (dónde), *πότε* (cuándo), *κειῖσθαι* (yacer), *ἔχειν* (tener), *ποιεῖν* (crear), *πάσχειν* (padecer). Vid. Top. IX, 103 b, donde el término "*οὐσία*" (sustancia) se restituye con el término "*τί ἐστιν*" (qué es).

(5) Es cierto que ya Platón en *Sofista*, 254 b-255e, habla de "*μεγίστων γενῶν*" (géneros máximos), *ὄντος* (del ser), *στάσεως* (fijeza), *κινήσεως*